

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



Beatriz Simões, Kay Alviso e Vicente Imanishi, 18

DE ONDE VIEMOS? PARA ONDE VAMOS?



TEM ABELHA SEM FERRÃO NA ESCOLA!

A Associação de Pais e Mestres está promovendo um projeto que vai ajudar a difundir o conhecimento sobre as abelhas sem ferrão – abelhas nativas que também vivem no colégio e na mata atrás dele. Elas são lindas, não picam, produzem diversos tipos de mel e são muito importantes na conservação da natureza. *Tem abelha na escola* é o nome do projeto, que vai instalar caixinhas com colônias de três espécies dessas abelhas no Colégio São Vicente para serem utilizadas pela equipe pedagógica como instrumento de sensibilização ambiental dos alunos e da comunidade escolar. “São caixas didáticas que imitam os troncos de árvores, com um vidro protetor na frente, através do qual as crianças conseguem ver de perto as colônias de abelhas e observar seu modo de vida, sua organização social e vários outros aspectos que podem ser abordados dentro do conteúdo programático do colégio”, explica Alline Figueira de Paula, presidente da APM, doutora em biologia, pesquisadora no Jardim Botânico e consultora científica do projeto. Os alunos do Integral serão os primeiros a trabalhar com as abelhinhas, já no início do próximo ano letivo. Aguardem!

a chama

Revista editada pela
**Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo**

Ano XLIX Nº 111
Novembro/ 2022

Supervisão Editorial
Alline Figueira de Paula e Simone
Coelho Moreira Sampaio

**Reportagem, Redação e Edição de
Textos**
Rosa Lima

Revisão de conteúdo
Norma Hoffmann

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Capas
Frente - Ilustração de Beatriz Simões,
Kay Alvito e Vicente Imanishi

Verso - Ilustração de Marina Mejdalani
Alunos da turma de Artes Visuais do
1º ano EM. Os dois trabalhos dialogam
com a arte indígena Daiana Tukano

Fotos
Alline de Paula, Christina Barcellos,
Rosa Lima, Patrícia Neves, School
Picture, arquivo CSVP, arquivo ESVP,
arquivo William Hester e Bernardo
Guerreiro

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM
Diretor Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

**Diretora Representante dos
Professores**
Daniela de Carvalho Cordeiro

Diretora Presidente
Alline Figueira de Paula

Diretora Vice-Presidente
Ana Roberta Pires Gonçalves

Diretor Secretário
Marcio Simões Vellozo Gouveia

Diretora Tesoureira
Maria Araújo Parreiras

Diretor Social
Carlos Pesce Thiré

Conselho Fiscal
Bárbara Nascimento Ferreira
Patrícia Zendron
Simone Coelho Moreira Sampaio

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 **CAPA**
REFLEXÕES SOBRE
NOSSAS ORIGENS

6 **EJA**
EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS SE DESPEDE DO
CSVP

10 **AÇÃO SOCIAL**
O PRIMEIRO ANO DA ESVP
DE NOVA IGUAÇU

12 **GRÊMIO**
LIÇÕES A APRENDER

14 **FALA, PROFESSOR**
ROBERTO BENETTI:
PROFESSOR, PSICÓLOGO E
ORIENTADOR

16 **PASTORAL**
O RESGATE DO PROJETO
JUVENTUDE ESCOLAR
VICENTINA

18 **TRANSFORMADOR
SOCIAL**
EX-ALUNOS FAZEM DO LIXO
ALIMENTO PARA A TERRA

20 **DIVERSIDADE**
EXPLICITANDO CONCEITOS

21 **NOTAS**

24 **RESENHA**
UMA BREVE HISTÓRIA DA
IGUALDADE, DE T. PIKETTY

OLÁ, COMUNIDADE VICENTINA!

O Colégio São Vicente sempre surpreende com sua atualidade e pertinência nos Projetos Pedagógicos. O Projeto multidisciplinar Narrativas de Origem é um mobilizador exemplo da abordagem integradora que preza por despertar o senso crítico dos estudantes e, ao mesmo tempo, valoriza a diversidade cultural, étnica, de pensamento, que permeia o ambiente escolar.

Outro ingrediente fundamental para a construção de uma sociedade mais justa que um Projeto como este, realizado no Ensino Médio, desperta nos estudantes é a empatia, motivadora da solidariedade, da pluralidade de opiniões e da tolerância. Novamente, África nos ensina, em sua noção de consciência da busca de relação harmônica entre o indivíduo e a comunidade: UBUNTU – “Eu sou o que sou por aquilo que todos somos”, em tradução simplificada.

Relembramos também a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que encerra suas atividades no CSVP, com a formação de milhares de alunos em seus 49 anos de história...e que história! A EJA oferecida no colégio sempre teve compromisso com o ensino de qualidade, o mesmo oferecido nos outros turnos, não estando focada na formação rápida de mão de obra para o mercado, característica deste segmento em outras instituições.

Esta educação e espírito fazem parte dos insumos que os ex-alunos transformadores sociais colocaram em seu projeto de compostagem. É a prática da relação de amor e respeito ao próximo, espelhada na ação diante dos recursos naturais e gerações futuras, que já dependem da reciclagem e reaproveitamento para encontrarem um planeta saudável.

Finalizando, na resenha o economista Ricardo Moraes nos traz sua impressão da “Breve história da igualdade” de Thomas Piketty, que discorre sobre como diminuir a desigualdade nas sociedades capitalistas: impostos sobre heranças, renda e patrimônio, mas principalmente ofertar educação de qualidade – sim, o autor nos lembra que o crescimento acelerado de tantas economias sempre dependeu da “batalha por igualdade e educação”.

Aqui no SV, o Projeto Político Pedagógico está no trilho certo da história!

Alline Figueira de Paula
Presidente da APM

NARRATIVAS DE ORIGEM

Projeto multidisciplinar do 1º EM reflete sobre nossas raízes e aponta para a riqueza das diferentes formas de se viver



O que é a vida? De onde viemos? Como a nossa origem interfere na maneira como sentimos, pensamos e agimos? Com o objetivo de promover a reflexão sobre nossas raízes e as marcas que elas imprimem nos diversos aspectos da nossa vida, as turmas de 1ª série do Ensino Médio mergulharam ao longo deste ano no projeto multidisciplinar *Narrativas de Origem*. O resultado foi uma rica troca cultural que abriu corações e mentes para os sentidos da vida e para a diversidade nas formas de se viver. E ainda rendeu uma bela produção de textos críticos, músicas e peças de artes inspirados pela descoberta de novos olhares e a escuta de outras histórias de vida.

“Todo início do ano o SOE (Serviço de Orientação Educacional) se reúne com os professores para pensar a construção de projetos que relacionem as diversas matérias entre si. Este ano, com a nova organização do Ensino Médio, demos início a uma nova disciplina – Projeto de Vida – para falar das escolhas de vida dos alunos, num sentido amplo. Como isso naturalmente se articula com os conteúdos

das demais matérias, pensamos num projeto que trabalhasse a questão da origem da vida não apenas do ponto de vista biológico, mas cultural também, envolvendo representantes de outras comunidades que nos ajudassem a pensar de onde viemos e para onde vamos”, explicou a Orientadora Educacional do 1º EM, Tatiana Cattapan.

Assim surgiu o *Narrativas de Origem*, que também contou com a participação dos professores de Biologia, Geografia, Português, Música e Artes. Nas aulas de Projeto de Vida, Tatiana começou por refletir com os estudantes sobre os próprios conceitos de vida e de projeto, convidando-os a responder, com três palavras cada um, à pergunta: “o que dá sentido à sua vida?”. Família, experiências, evolução, memórias e sentimentos foram



“OS ALUNOS TIVERAM A OPORTUNIDADE DE FORMULAR PERGUNTAS E DIALOGAR COM OS CONVIDADOS, NUMA CONVERSA RICA, DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA E DA DIVERSIDADE”

TATIANA CATTAPAN,
ORIENTADORA EDUCACIONAL

algumas das respostas surgidas no exercício. Em seguida, trabalharam a música “O que é, o que é”, de Gonzaguinha, produzindo em cartazes reflexões sobre desejos, sonhos e projetos de cada um.

Origem da vida

Paralelamente, nas aulas de Biologia, o professor Frederico Rosa trabalhava com os estudantes reflexões sobre a origem da vida. “Nosso tema principal no primeiro trimestre era a origem do universo

e narrativas sobre o cosmos na perspectiva da ciência. Como este ano temos uma aluna indígena em uma das nossas turmas, me ocorreu o alargamento dessa perspectiva, escutando narrativas sobre origens de vários pontos de vista, de forma que isso permitisse uma abertura para diferentes culturas e histórias de vida”, disse Fred.

Na sequência, o colégio recebeu três convidados para compartilhar suas experiências com as turmas do 1º ano. O primeiro deles foi o angolano Jonas Barnabé Jorge, trazido pelo Centro de Atendimento aos Refugiados, iniciativa mantida pela Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, em Botafogo. Jonas esteve no auditório do CSVP no dia 9 de maio, falando de sua experiência de morar no Brasil e resgatar a origem e a cultura de Angola no seu dia a dia. “Foi uma atividade muito bacana, que proporcionou um rico intercâmbio social e histórico para os nossos alunos e as nossas alunas!”, disse a representante do SOE.

No dia 27 de maio, foi a vez das turmas receberem a jovem Rosilane da Silva de Almeida, líder do Quilombo do Camorim, em Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio, para um evento que reuniu cultura e tradição do povo preto, com danças, música e muita informação. “Ubuntu”, que no idioma Zulu significa “humanidade para todos”, foi a mensagem de encerramento que Rosilane deixou para os estudantes vicentinos, que em troca se organizaram para coletar e oferecer roupas de frio aos moradores do Quilombo.

Um terceiro encontro do projeto ocorreu em 30 de agosto, quando a líder indígena Francineia Bitencourt Fontes, mãe da aluna Larissa, participou de uma conversa com os alunos do 1º EM, contando as histórias de seu povo, o Baniwa, originário da Aldeia Assunção, no Alto Rio Negro, na Amazônia. Fran, como é conhecida, falou da relação orgânica do indígena com a natureza, dos mitos de origem do seu povo – que acredita ter nascido de uma cachoeira e a vê como sua casa, e da cultura do compartilhamento predominante entre eles. “Os jovens do Colégio São Vicente tiveram a oportunidade de formular perguntas e dialogar com a convidada, numa conversa rica, de valorização da cultura e da diversidade”, contou Tatiana.



Os três convidados que compartilharam suas experiências com as turmas do 1º EM: acima, Rosilane da Silva de Almeida, líder do Quilombo do Camorim, em Jacarepaguá; à direita, a antropóloga indígena Francineia Bitencourt Fontes, do povo Baniwa, da Amazônia; e, na página ao lado, o refugiado angolano Jonas Barnabé Jorge. Ilustrações dos alunos da Turma de Artes Visuais – 1º ano EM

REFLETINDO SOBRE IMAGENS



“O ângulo panorâmico da imagem ressalta a grandiosidade e a beleza do rio, assim como a amplitude da natureza da região, deixando, em segundo plano, as nuvens e a vegetação que cercam o corpo d’água. O reflexo das nuvens no rio é um importante detalhe da fotografia. É interessante frisar o uso dos tons de preto e branco, que passam a ideia de umidade, frio, chuva...”



“O destaque da imagem são três homens indígenas, envolvidos em cocares, no primeiro plano da foto. O cocar é um importante símbolo da cultura indígena, e podemos perceber que os homens presentes estão usando o objeto com confiança e passam uma impressão de pertencimento, autoridade e orgulho de sua cultura. Apesar de não ser o foco, o fundo é uma paisagem natural, e os protagonistas da fotografia, além de usar o cocar, estão praticando outros costumes de tradições indígenas, como os rostos pintados e os colares, mostrando a beleza da cultura retratada.”

Ampliar a percepção

A professora de Geografia, Isaura Castro, também teve papel fundamental no projeto, visando ampliar a percepção dos alunos a respeito do território, a partir das narrativas de outros grupos sobre suas origens. “Fizemos a preparação das turmas para as visitas dos convidados, apresentando um breve perfil de cada um e contextualizando no mapa seus lugares de origem, estimulando os alunos a formularem perguntas para a conversa que se seguiu às apresentações no auditório, de maneira que eles aproveitassem ao máximo os encontros. Junto com o trabalho que desenvolvemos na cadeira de Racismo Ambiental, eles puderam perceber que as minorias no nosso país vão além dos negros”, disse Isaura.

Já a participação da disciplina de Língua Portuguesa se deu através da articulação dos conceitos de signo e significado estudados em aula com as diferentes visões sobre a origem da vida trazidas pelos indígenas e pelos negros. “No início do ano, trabalhamos a análise do desfile da escola campeã do carnaval carioca, a Grande Rio, cujo enredo homenageava Exu, divindade presente nas religiões de matriz africana. Fizemos uma discussão sobre as significações religiosas de origem nas diversas alas da escola, nas fantasias e no próprio enredo, e posteriormente os alunos puderam relacionar esse aprendizado com o que ouviram da líder quilombola e do refugiado angolano”, contou a professora Teresa Assaife.

No caso da representante indígena, que falou das simbologias do seu povo, os alunos puderam articular essa visão de mundo com o que observaram nas fotografias de Sebastião Salgado sobre a Amazônia, na exposição que visitaram no Museu do Amanhã. “Eles produziram comentários críticos a partir desses elementos não verbais e foram capazes de perceber semelhanças entre as tradições de cada um sobre as origens da vida e ver como elas estão presentes de diferentes maneiras nas diversas comunidades”, complementou Teresa.

Espaço para todos

Também as artes tiveram participação ativa no projeto *Narrativas de Origem*. No caso de música, a professora Débora Braga partiu de uma pesquisa de artistas oriundos da

periferia carioca, para montar o repertório das canções trabalhadas pelas turmas do 1º EM. “São músicos negros, em sua maioria, que despontam na atual cena musical carioca, sobretudo nas redes sociais, mas que estão excluídos do circuito comercial da música e, por conseguinte, distantes do grande público”, explicou Débora.

A disciplina de Artes seguiu pela mesma trilha. Segundo a professora, Cacau Marçal, a partir do estudo da Semana de Arte Moderna de 1922 e da pesquisa de obras de artistas negros e indígenas brasileiros da atualidade, os alunos primeiramente produziram trabalhos que dialogaram com as vanguardas europeias nas quais os artistas da Semana se inspiraram, e, posteriormente, trouxeram o olhar para as questões da pauta atual da chamada decolonização, que questiona a predominância dos brancos na produção artística brasileira.

“Depois de tanto tempo, a sociedade institucional brasileira começa a abrir espaço e a reconhecer o negro e o indígena como autores da sua própria cultura. Eles estão agora assumindo seu lugar de fala na arte. Os trabalhos dos alunos dialogam com estas questões”, afirmou Cacau.

Afinal, o projeto *Narrativas de Origem* trouxe uma abordagem interessante e diversificada para os estudantes do 1º ano do Ensino Médio. A partir de todas essas referências, eles puderam perceber as marcas das origens variadas que nos cercam e concluir que há espaço para todos e que diferentes culturas podem conviver e conversar entre si.



“O NEGRO E O INDÍGENA ESTÃO AGORA ASSUMINDO SEU LUGAR DE FALA NA ARTE. OS TRABALHOS DOS ALUNOS DIALOGAM COM ESTAS QUESTÕES”.

CACAU MARÇAL,
PROFESSORA DE ARTES



Na página ao lado, no box, fotografias de Sebastião Salgado, comentadas pelos alunos do 1º ano após visita ao Museu do Amanhã. Embaixo, a serpente inspirada no artista indígena Denilson Baniwa, feita na aula de Artes. Nesta página, trabalhos de Artes Visuais dos alunos: no alto, a mandala misturando a arte indígena de Jaider Esbell com a cultura pop do persoganam Sonic. À esquerda, dois trabalhos dialogando com obras de artistas negros: o da esquerda referenciado em Antonio Obá e No Martins, e, ao lado, em diálogo com a capa do cd dos Racionais MC's.



DEVER MAIS QUE CUMPRIDO

Educação de Jovens e Adultos encerra suas atividades no colégio, deixando um legado de meio século de excelência e cidadania

Na noite de 8 de dezembro, as últimas turmas do curso noturno – uma do Fundamental 2 e a outra do Ensino Médio – fizeram sua cerimônia de formatura no auditório, encerrando oficialmente as atividades do segmento da Educação de Jovens e Adultos, a EJA, no Colégio São Vicente de Paulo. Foi uma noite de festa, que reuniu também ex-alunos, ex-professores e ex-coordenadores do curso numa grande homenagem a este projeto exitoso que marcou e transformou a vida dos muitos que por ele passaram.

Foram quase 50 anos de história. O início das aulas no turno da noite, gratuitas e voltadas para pessoas que não tiveram a chance de frequentar a escola na idade regular, remonta a 1973, com a abertura do Curso Supletivo no São Vicente. Fruto do grande empenho e do trabalho participativo de muitos professores da época, entre eles Dario Nunes e Celso Figueiredo, o Supletivo teve origem numa paróquia do bairro do Catumbi, onde começaram as aulas de alfabetização de adultos, seguidas do Supletivo de 1º Grau, hoje Ensino Fundamental. A procura de alunos era grande. E, com o apoio e a experiência do então diretor, o saudoso Padre Almeida, o colégio aderiu ao projeto e também abriu suas portas para as aulas noturnas.

EDUCAÇÃO
não transforma o
MUNDO. EDUCAÇÃO
muda as pessoas.
Pessoas transformam
o MUNDO.

Os primeiros anos eram de salas lotadas, onde chegava a faltar carteiras para os alunos. Em meados dos anos 1990, o curso noturno passou a se chamar Educação de Jovens e Adultos. Em seguida, sob a coordenação do professor Hécio Alvim, o currículo se expandiu para todo o Ensino Fundamental e, em 2011, com a abertura do Ensino Médio, coordenado então pelo Irmão Adriano Ferreira, a EJA do São Vicente passou a oferecer todo o ciclo básico de ensino aos estudantes do noturno.

A estrutura também cresceu: além de uma grande equipe de professores qualificados, a EJA contava com coordenador pedagógico próprio e auxiliar de coordenação, orientadora educacional, dois inspetores, uma bibliotecária, uma assistente social, monitores do Ensino Médio do diurno e estagiários de universidades. Grande parte do repertório cultural oferecido aos estudantes da manhã

“A PBCM, AO DECIDIR PELO ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES DA EJA, ASSUMIU INSTANTANEAMENTE O COMPROMISSO DE CONTINUAR INVESTINDO NA EDUCAÇÃO.”

PE. AGNALDO DE PAULA, C.M.
DIRETOR DO CSVP E DA ESVP

também ficava disponível à noite: filmes, debates, aulas de teatro, visitas a museus e excursões. Ainda havia um grêmio estudantil só seu – o Greja.

Histórias de vida

Tudo isso junto fazia a diferença da EJA do São Vicente em relação a outras escolas. Mais do que medir seus resultados em números, é possível atestar sua qualidade pelos depoimentos e histórias de vida dos estudantes que ela formou. Gente que chegava calada, intimidada, humilhada por experiências anteriores e que aos poucos ia se sentindo acolhida, ganhando confiança e desabrochando.

“A EJA sempre trabalhou sobre esses três pilares: ensino de qualidade, formação cidadã e valorização da identidade. E isso é muito visível nos alunos que hoje se orgulham de sua origem, que se tornaram lideranças nas suas comunidades, que tiveram suas vidas muito melhoradas pelo conhecimento”, afirma Luis Gai, coordenador da EJA desde 2017. Como a ex-aluna Antônia Barbosa, que declarou: “A EJA me ensinou muito.

Na noite de 8 de dezembro de 2022, durante a cerimônia de encerramento da 9ª Fase do EF II e do 4º Módulo do EM, as turmas finais da EJA do CSVP, alunos e educadores do segmento celebraram a formatura e se confraternizaram no palco do auditório do colégio

Foi ali que eu aprendi a ler e a escrever. Mas aprendi muito mais. Aprendi a ser respeitada. Eles destravaram uma chave em mim”.

Para Gai, ex-aluno do São Vicente, que ingressou em 2009 como professor de História do noturno e permaneceu exclusivamente no segmento por cinco anos, antes de abraçar também as aulas do diurno, o maior diferencial da EJA oferecida no colégio sempre foi o compromisso com o conhecimento e a qualidade do ensino, não meramente conteudista e voltado para a formação rápida de mão de obra para o mercado, mas de valorização de uma formação completa de cada estudante como pessoa humana, dentro da perspectiva freireana da educação crítica, politizada e libertadora que é a marca do São Vicente.

“Em termos pedagógicos, teóricos, metodológicos, realizamos trabalhos muito inovadores, transdisciplinares, de pedagogia de projeto, muitas vezes à frente do curso diurno. Sob esse ponto de vista, podemos dizer que era um segmento vanguardista, junto a um público para o qual normalmente não se pensa esse tipo de trabalho”, afirmou. Ele destacou também o ganho para os alunos da manhã que atuaram como monitores do projeto: “É impressionante perceber como os nossos estudantes do EM amadureceram depois que passaram por essa experiência de trabalho com a EJA”. E finalizou: “Para mim, que comecei no magistério dando aula na EJA, essa foi uma experiência marcante para toda a minha vida profissional e pessoal. Vai deixar saudade”.



Vários momentos da EJA nos últimos anos: no alto, alunos do EM (em pé) atuando como monitores dos estudantes do noturno (2015). Abaixo, Gilberto de Carvalho, assistente da coordenação, e Luis Gai, coordenador, na formatura das últimas turmas da EJA (2022). Na página ao lado, reunião dos coordenadores e professores do segmento com o então diretor Pe. Lauro (2011), a Profa. Bia de informática ajudando os alunos nos computadores (2012) e a Profa. Cláutenes em sala na alfabetização da EJA (2019).



REAFIRMANDO CONVICÇÕES

Ao encerrarmos as atividades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio São Vicente, alimento um sentimento que vem dos ensinamentos da tradição judaica: “Aquele que desfruta de um bem qualquer neste mundo, sem dizer antes uma oração de gratidão ou uma benção, comete uma injustiça”. E, como a Ação de Graças é uma atitude a ser desenvolvida, louvo e agradeço à Deus, à Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), mantenedora do Colégio, aos educadores e a todas as pessoas que contribuíram para que a EJA concretizasse, dia após dia, ano após ano, os seus ideais. Estendo este louvor e agradecimento aos milhares de jovens e adultos que passaram pela EJA, dando-nos a oportunidade de com eles aprendermos muito e sermos melhores.

A EJA, entre as dezenas de projetos desenvolvidos e patrocinados pela PBCM, é um projeto de especialíssimo valor, que

chega ao final muito bem avaliado, com a certeza de ter cumprido de forma exemplar a sua missão. Mais do que uma educação de excelência acadêmica, ou, por isso mesmo, ajudou a formar cidadãos e cidadãs que resgataram a consciência da sua própria dignidade, do seu valor e da sua força, tornando-se sujeitos críticos, comprometidos com a transformação social. O testemunho de centenas de pessoas que se beneficiaram do trabalho realizado comprova essa convicção.

O projeto da EJA começou no Morro do Catumbi como Supletivo. Foi acolhido pelo Colégio São Vicente em 1973. Aqui cresceu, cresceu, floresceu e produziu milhares de frutos. Devido à diminuição da procura pelas vagas oferecidas nos últimos anos, antes mesmo da pandemia, a PBCM, ao decidir pelo encerramento das atividades da EJA, assumiu instantaneamente o compromisso de continuar investindo na educação. Esta decisão vem do reconhecimento e, também, como reafirmação da convicção dos primeiros educadores missionários vicentinos, da importância do investimento

na educação como estratégia para a formação de agentes de transformação social. Deste modo, a PBCM decidiu pelo investimento na Educação Infantil, etapa que ainda não é universalizada no Brasil, numa região constituída por famílias em situação de vulnerabilidade social e econômica. Para a concretização do novo projeto foi escolhido o município de Nova Iguaçu, onde, no momento, estão sendo atendidas 88 crianças. O imóvel atual tem a capacidade para atender cerca de 100 crianças. No entanto, a direção da PBCM já aprovou a ampliação das instalações para o ano de 2023, visando dobrar a capacidade de atendimento.

Que os nossos olhos lacrimejantes, devido ao encerramento das atividades da EJA, não ofusquem ou não retardem nossa contemplação e reconhecimento da beleza e da importância do novo projeto que já completou seu primeiro aninho de existência.

Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, C.M.,
diretor do CSVP e da ESVP



UM OLHAR PARA O FUTURO

Escola São Vicente de Paulo completa um ano de vida atendendo, gratuitamente e em tempo integral, crianças pobres de Nova Iguaçu

Fecha-se um ciclo, abre-se outro. O encerramento da EJA, que cumpriu com louvor sua missão de educar jovens e adultos por 50 anos, coincide com os primeiros passos de uma escola que mira o futuro, investindo na educação infantil dos mais necessitados. É a Escola São Vicente de Paulo, que agora celebra um ano de vida atendendo, gratuitamente e com excelência, crianças de 3 a 5 anos de comunidades pobres da Baixada Fluminense.

“Investir na educação infantil, com certeza, é investir na possibilidade de um futuro melhor para as crianças e suas famílias romperem com o cruel círculo de pobreza e exclusão”, afirmou Padre Agnaldo Aparecido de Paula, diretor do CSVP, em setembro do ano passado, quando as instalações da escola receberam a bênção do Bispo de Nova Iguaçu, Dom Gilson Andrade da Silva.

A redução do analfabetismo e da defasagem escolar verificada nas últimas décadas, muito em função de

políticas públicas como Bolsa Escola e Bolsa Família, provocou uma mudança no perfil educacional do país. A grande demanda por aulas noturnas para aqueles que não puderam frequentar a escola na idade regulamentar cedeu lugar a uma crescente procura pelo segmento infantil, ainda muito pouco disponível na rede pública de ensino.

Com isso, a Província Brasileira da Congregação da Missão, mantenedora do colégio, optou por priorizar seus investimentos sociais na educação pré-escolar, aproveitando a parceria com a Companhia das Filhas da Caridade, que cedeu a casa de Nova Iguaçu para a criação da escola. Aberta em 2021 com 40 alunos, a Escola São Vicente de Paulo iniciou 2022 com 80 crianças matriculadas em cinco turmas: Maternal, Pré I e Pré II. Mais 11 alunos chegaram no meio deste ano e, no final de outubro, mais um processo seletivo foi realizado para a entrada de novas crianças, levando a escola a atingir sua capacidade máxima de 107 alunos.

“Atendemos a crianças em situação de vulnerabilidade social. Crianças que passam por diversas situações desfavoráveis como maus tratos, abandono dos pais, abuso físico e psicológico, além de negligência em torno da saúde e da educação. A nível cultural, a Escola é o primeiro ambiente de socialização e acesso à cultura destas crianças”, disse a coordenadora pedagógica da ESVP, Antônia Martins Lemos.

E que ambiente! Ali as crianças têm à disposição tudo o que se pode esperar de melhor numa escola: uma casa grande, bonita e bem equipada, com ampla área externa rodeada de árvores, brinquedos e quadra de esporte. Têm aula de música, de inglês e de educação física, têm laboratório de informática, cozinha, refeitório e até uma horta.

Formação integral

“A ESVP atende em horário integral, o que permite ao nosso público, em sua maioria mães sozinhas, ter possibilidade de ir trabalhar, buscar oportunidades de mudança de vida e deixar os seus filhos em lugar seguro. Estou falando aqui de uma necessidade assistencial, o que não deixa de ser uma atribuição implícita da nossa Escola, e que na minha opinião é o nosso maior diferencial na redondeza”, afirmou Antônia.

Outro grande diferencial é a qualidade do ensino. A escola de Nova Iguaçu segue os mesmos princípios viciados que norteiam o colégio do Cosme Velho e em seu projeto político-pedagógico também assume como missão a formação permanente, através da educação,

de agentes de transformação social. “E dentro desta perspectiva temos a oportunidade de trabalhar com estas crianças de forma integral, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”, complementou a orientadora educacional Maria de Fátima Gomes.

Para isso, a participação de educadores e alunos do CSVP também tem sido fundamental para a escola. “Trabalhamos desde o início com a parceria pontual de alguns profissionais: Nira Kaufman, com apoio socioemocional mais diretamente com as crianças em situação de inclusão; Norma Hoffmann e Liliane Santos, com questões relacionadas ao planejamento; Claudia Frias, com pertinência às práticas pedagógicas e orientações em relação a Educação Infantil; e Dani Cordeiro, com parcerias em projetos ligados à Educação Física e Psicomotricidade”, contou Fátima.

E os alunos do São Vicente também se engajaram. “Temos muitos projetos que envolvem as crianças do colégio, alguns já colocados em prática, como no Natal do ano passado e na festa junina deste ano, quando as nossas crianças foram apadrinhadas pelos estudantes do colégio e receberam brinquedos de presentes. Para 2023, queremos iniciar novos projetos. A ESVP foi idealizada pelo Colégio São Vicente de Paulo e realizada e mantida pela PBCM. Procuramos manter esta junção que muito mais nos atribui em conhecimento e respeito mútuo. Todos nós ganhamos em poder participar de um ambiente acolhedor”, concluiu a coordenadora Antônia. Vida longa à ESVP!

LIÇÕES A APRENDER

Entre as ações promovidas pelo Grêmio neste ano, destacam-se as que ocorreram durante a Semana Político-Cultural, realizada em setembro. Para pensarmos nas diferentes esferas da sociedade, promovemos debates políticos com candidatas a deputadas federais e estaduais, palestras sobre meio ambiente (com atividades interativas de diálogo com o próximo e introspectivas de autorreflexão através da meditação), documentários (Paris is Burning, 1990) e exposições artísticas celebrando o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 com direito à leitura de poesia. Dessa forma, fomos aquecendo nossos espíritos políticos para o voto consciente nas eleições.

No dia 30 de outubro, ganhou no segundo turno das eleições presidenciais Lula. Apesar de ter sido uma eleição muito acirrada, o desejo da maioria venceu, a democracia venceu. No entanto, muitos eleitores bolsonaristas não aceitaram esse resultado. A fim de questionar a legitimidade dos resultados das eleições, organizaram protestos em vários pontos do país. Desde greve dos caminhoneiros (cabe ressaltar que muitos destes foram obrigados por seus patrões, como observado por seus relatos nas mídias), radicais fazendo ameaça de intervenção militar e saudações nazistas. Logicamente, já de cara deve-se fazer uma associação entre atos antidemocráticos com o público que reivindica a permanência de Jair Bolsonaro no cargo.

Diante desse cenário, o mais apavorante foi a colocação do Presidente. Após mais de 48 horas de silêncio desde o domingo, dia da eleição, ele finalmente fez o seu pronunciamento. Além de não reconhecer em nenhum momento de sua breve fala a vitória do adversário, ele disse que qualquer tipo de manifestação (como a greve dos caminhoneiros) é bem-vinda em decorrência do encaminhamento do segundo turno. Não é surpreendente notar como candidatos com apoiadores antidemocráticos são propriamente antidemocráticos. O caminho do segundo turno foi democrático, assegurado pelas urnas eletrônicas (a mais confiável e ágil que se conhece até hoje), a maioria ganhando e a minoria perdendo. Mas Bolsonaro nunca gostou de minoria, então se enfureceu quando ele, homem branco cis conservador se tornou parte da minoria.

Dessa forma, a partir do posicionamento ao decorrer de seu mandato e de sua reclusão seguida de uma declaração que não atingiu o seu principal objetivo – e conhecer a derrota, é possível identificar em Bolsonaro características de um adulto que não amadureceu, e conseqüentemente não tem capacidades de exercer o cargo de Presidente da República. Era preciso ter maturidade e humanidade para se reconhecer

que pessoas estavam morrendo na pandemia, necessitadas de oxigênio e vacinas, mas a atitude de Bolsonaro foi ora imitar alguém com falta de ar, ora tardar a compra de vacinas. Além de propagar métodos ineficazes cientificamente para o combate do coronavírus, como a indicação do uso da Cloroquina, negou a importância das máscaras e da vacinação. Agora, negar a sua derrota nos resultados da última eleição feita de forma democrática é similar a atitude de uma criança que não aceita perder no futebol e fica ou de birra, ou em silêncio.

“PARA QUE O BRASIL CRESÇA É PRECISO UM PRESIDENTE QUE TENHA HUMANIDADE E MATURIDADE PARA O CARGO, E É ISSO QUE ESPERAMOS PARA O PRÓXIMO ANO.”

Diferentemente do ex-presidente brasileiro João Goulart, que não resistiu às intervenções militares porque sabia que haveria muito derramamento de sangue com o apoio do exército americano (extremamente equipado belicamente) aos golpistas, Bolsonaro não consegue pôr as suas aspirações pessoais abaixo das do povo. Para permitir eventos como as atuais greves de caminhoneiros, é preciso que haja uma total falta de empatia e de responsabilidade. Pôde-se ver que esses protestos, que têm como objetivo estagnar a economia brasileira (que é nacionalmente dependente das rodovias), resultaram em pacientes perdendo seus atendimentos para tratamento de câncer, pessoas se atrasando para chegar ao trabalho e produtos alimentícios que não conseguiram chegar ao seu destino, se estagando no caminho.

Para que o Brasil cresça, e saia da estagnação, é preciso um presidente que tenha, no mínimo, humanidade e maturidade para o cargo, e é isso que esperamos para o próximo ano. Se Bolsonaro não conseguir passar a faixa presidencial para Lula no dia 1º de janeiro de 2023, teremos a chance, como cidadãos, de ensinar a ele como dar algo que já foi seu para o próximo, já que ele não aprendeu isso na infância. Nunca é tarde para aprender.

Manuela Vilhena,

aluna da turma 2A do Ensino Médio



No alto, o Grêmio reunido e a mesa do debate com candidatas a deputada federal e estadual. No meio, palestras sobre sustentabilidade e, embaixo, exposição celebrando os 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, e alunos com trajes da época.

TRÊS PERGUNTAS PARA: ROBERTO BENETTI



“SER PROFESSOR É PASSAR CONTEÚDOS E REFLETIR SOBRE CERTAS SITUAÇÕES DA VIDA, MAS PRINCIPALMENTE DISTRIBUIR E COMPARTILHAR AFETO.”



Roberto Benetti em três momentos: na sua sala, com as companheiras do Serviço de Orientação Educacional e com a turma 3C de formandos de 2014.

Um dos educadores mais antigos e mais queridos do São Vicente, Roberto Benetti Mallet, hoje com 65 anos, já foi conhecido na escola como Roberto, Bob e agora é simplesmente Benetti. Bacharel e licenciado em ciências biológicas, ele trabalhou por 42 anos como professor de biologia no Ensino Médio, 36 deles no Colégio São Vicente, onde foi paraninfo de turma inúmeras vezes.

No início dos anos 2000, começou a se voltar para as questões emocionais que atravessam a aprendizagem e fez uma pós-graduação em psicopedagogia. Entre 2002 e 2005 iniciou um atendimento a pessoas com dificuldade de aprendizagem, e essa trajetória o conduziu para a psicologia, na qual se graduou como bacharel. E, em 2009, começou sua atuação como psicólogo clínico, que passou a conjugar com o magistério.

Em 2020, Benetti recebeu um convite da direção do colégio para integrar o Serviço de Orientação Educacional e aceitou de imediato. “No SOE tento de alguma forma aliar minha experiência como professor e psicólogo no sentido de escutar, acolher, mediar e orientar os alunos e as famílias”, diz.

Aqui, ele conta o que o fez trocar a sala de aula pelo SOE, fala da importância desse serviço e do que aprendeu de mais significativo ao longo de sua trajetória no CSVP.

1 **Você atuou durante anos como professor de biologia, muito querido e homenageado pelos alunos. O que o fez mudar para o Serviço de Orientação Educacional?**

Falar da minha trajetória no Colégio São Vicente é praticamente falar da minha vida como profissional do magistério. Entrei no colégio a primeira vez em 1980 para dar aula de recuperação, à noite. Em 82 fui contratado para trabalhar no 1º ano do EM e fiquei nesse lugar até 86, quando decidi me dedicar ao ensino público. Infelizmente essa experiência não me trouxe bons frutos, e em 93 eu voltei para o SV, onde estou até hoje. De lá até 2020 eu trabalhei como professor de biologia. Eu fui muito feliz como professor e sempre me dei muito bem com os alunos. Mas tudo tem seu tempo. Me preparei para sair da sala de aula com a mesma alegria com que entrei e deixando um trabalho a ser lembrado. O que me fez mudar para o Serviço de Orientação Educacional foi a mistura de uma sensação de ter cumprido com uma etapa da minha vida e a noção de que eu ainda podia contribuir para a formação dos jovens e a orientação das famílias.

2 **Qual a importância do trabalho do SOE no seu modo de ver?**

O trabalho do SOE é complexo, tem muitas facetas. Ele dialoga com vários setores do colégio: com os alunos, as famílias, a direção, a coordenação, a disciplina... O nosso objetivo é, em primeiríssimo lugar, ter um olhar para o aluno, um olhar acolhedor, atencioso, amoroso, singular, procurando dar aos vários setores do colégio, principalmente ao corpo docente, condições de desenvolver bem o seu trabalho. O trabalho do SOE consiste em retirar os obstáculos que atrapalham o bom andamento de uma aula e do colégio como um todo. Um outro trabalho importante do SOE, que vem sendo desenvolvido já há alguns anos, é o da inclusão. É um trabalho de muito cuidado, carinho e atenção, com um grande envolvimento das famílias, para dar a esse aluno em situação de inclusão condições para que ele possa evoluir e alcançar seus objetivos.

3 **O que você destacaria de aprendizados nestes anos todos de colégio?**

O meu aprendizado nestes 36 anos no Colégio São Vicente é um aprendizado de vida. Este é o colégio com que eu me identifiquei, é o colégio que eu amo. Dos meus quatro filhos, dois estudaram aqui, e hoje dois dos meus três netos também. No São Vicente aprendi a ser professor na concepção da palavra. Há uma grande diferença entre ser palestrante e professor. Já dei aula em muitos lugares para sustentar minha família e muitas vezes fui palestrante. No São Vicente nunca. Ser professor é passar conteúdos e refletir sobre certas situações da vida, mas principalmente distribuir e compartilhar afeto, afeto que não pode faltar numa relação de aprendizagem. O que eu levo de mais importante da minha vida profissional é que foi neste colégio que eu pude perceber o quanto a relação de afeto que a gente desenvolve com os alunos é fundamental para eles aprenderem.

JUVENTUDE ESCOLAR VICENTINA, PRESENTE!

Retomada dos Recreios Comunitários marca o resgate do projeto de criação do grupo de alunos engajados em ações de caridade



Música, alegria, sensibilização e integração. Depois de mais de dois anos suspensos, por conta da pandemia de Covid-19, os Recreios Comunitários com a Pastoral foram retomados neste segundo semestre de 2022, promovendo a cultura do encontro e a aproximação entre alunos e educadores. O primeiro sarau musical ocorreu no dia 15 de agosto, com o professor Cristiano Oliveira, da equipe Pastoral, comandando a cantoria, e com os estudantes cantando sozinhos ou em grupo, tocando instrumentos e prestigiando o momento. A ideia é que a atividade se repita todo mês e que passe a incorporar, além da música, leitura e declamação de poesia, integrando mais e mais alunos.

A volta dos Recreios Comunitários marca também o resgate do projeto Juventude Escolar Vicentina, de criação de um grupo permanente no colégio de jovens engajados em ações de caridade e mobilizações sociais. "Existe essa vontade, já antiga, de trabalharmos com um grupo de ação solidária na escola. Nossos alunos sempre se colocaram muito à disposição para esse trabalho de ação pastoral, e nós só precisávamos organizar esse projeto, dando a eles uma formação específica e promovendo encontros periódicos de estruturação das ações. O projeto estava bem adiantado quando veio a pandemia e precisamos interromper os trabalhos. Agora estamos de volta", contou Cristiano.

As alunas Jéssica Souza e Maria Clara Loyola. Os mantimentos arrecadados pelos alunos para doação e o carro sendo carregado para a entrega. Embaixo, o professor Cristiano Oliveira canta na atividade musical durante o recreio comunitário com as crianças.



Destinado aos estudantes a partir do 8º ano do Ensino Fundamental, o projeto Juventude Escolar Vicentina já conta com mais de 30 inscritos. A primeira ação de mobilização aconteceu em setembro com a campanha de arrecadação, que, com a participação dos alunos, conseguiu reunir 300 quilos de alimentos entregues ao Centro de Proteção aos Refugiados, em Botafogo.

Dia de campanha solidária

Segundo o professor Jair Neto, também da Pastoral, ficou instituído que toda a segunda semana de cada mês haverá um dia de campanha solidária no qual os estudantes do colégio serão chamados a se mobilizar pela arrecadação de alimentos a serem depositados no baú da caridade.

A ideia é que essa mobilização se some ao movimento da juventude vicentina já existente nas paróquias. No Santuário da Medalha Milagrosa, na Tijuca, por exemplo, o grupo Juventude Mariana Vicentina vem fazendo um importante trabalho nestes tempos de carestia e fome, arrecadando alimentos e fazendo quentinhas que são distribuídas todos os sábados para pessoas em situação de rua no bairro. "Queremos engajar nossos alunos nessa iniciativa", disse Jair, que junto com a outra professora da equipe, Neuza Bastos, passou nas turmas divulgando a ação. "Alguns deles já vieram nos procurar mostrando interesse em participar", complementou Neuza.

Uma das entusiastas do Recreio Comunitário e do trabalho pastoral é a aluna Jéssica Alves de Souza, da turma 901. "Acho importante para a nossa formação social aprender a olhar para as pessoas que não estão só na nossa bolha e ver que a gente pode contribuir com ações relevantes para elas", disse a aluna, também muito atuante na paróquia Santa Margarida Maria, na Lagoa.

Frequentadora da Igreja dos Capuchinhos, na Tijuca, Maria Clara Loyola, aluna da turma 902, concorda com a colega: "Eu adoro fazer parte desse trabalho porque ele age ajudando as pessoas. Ao mesmo tempo, ele consegue atrair gente que é católica, mas também se abre a todas as pessoas interessadas em participar. Independente da religião, todo mundo se sente muito acolhido nesse trabalho, acho isso muito bonito".

De acordo com o professor Cristiano, seguindo o que determina a Base Nacional Comum Curricular, o ensino religioso no colégio é hoje uma área de conhecimento, não tem mais caráter catequético. Como o CSVP é uma escola confessional, as ações de evangelização são oferecidas de forma opcional aos alunos através do serviço de pastoral. Entre as atividades disponíveis estão a catequese, a partir do 4º ano, que culmina com a primeira eucaristia – este ano, 31 novos alunos que vinham se preparando ao longo de dois anos receberam sua primeira comunhão em 5 de novembro - e atividades motivacionais para o trabalho solidário, como os Recreios Comunitários.

"Esse é um movimento cíclico, porque os alunos crescem e depois saem da escola, então precisamos estar sempre trabalhando na renovação dos grupos", explicou Cristiano, que futuramente pensa em engajar também os ex-alunos no projeto. "Já pensou que ótimo podermos promover uma ação social em que nossos ex-alunos, médicos ou advogados, por exemplo, possam doar um dia do seu conhecimento e do seu trabalho para a comunidade?". Que a ideia vingue e floresça!



“A PESSOA QUE ASSINA NOSSO SERVIÇO PARTICIPA DA PROTEÇÃO DA NATUREZA, FORTALECE UM NEGÓCIO LOCAL, AJUDA NA SUBSTITUIÇÃO DO PLÁSTICO E NA INOVAÇÃO DE MATERIAIS.”

WILLIAM HESTER

EX-ALUNOS FAZEM DO LIXO ALIMENTO PARA A TERRA

Empresa de William Hester e Bernardo Guerreiro coleta resíduos orgânicos de residências e os transforma em adubo para plantas

O Rio de Janeiro tem uma grande população, que produz uma enorme quantidade de lixo. Boa parte dele é formada por resíduos orgânicos – como cascas de frutas e legumes e restos de comida – com grande potencial de nutrientes e energia. Se tratado corretamente, esse lixo pode virar adubo orgânico e alimentar de forma sustentável a terra que alimenta a população. Ao invés disso, no entanto, ele é levado para aterros sanitários ou jogado em lixões clandestinos, poluindo a terra, a água e o ar.

Foi seguindo esse raciocínio que os ex-alunos William Hester e Bernardo Guerreiro se conscientizaram da urgência da compostagem para a sustentabilidade. E resolveram fazer a sua parte: juntos montaram uma empresa que recolhe os resíduos orgânicos de pequenos geradores – residências e condomínios – e os transforma em adubo para plantas e hortas.

Criada em 2020 na Tijuca, a Composta'E já está atendendo a 200 famílias da região. Ela foi inspirada num

projeto premiado de uma comunidade catarinense, que ficou conhecido como “revolução dos baldinhos” e seguiu o modelo de negócio de outra empresa pioneira na compostagem de lixo doméstico, a Ciclo Orgânico.

A ideia é tão simples quanto genial: o cliente paga uma taxa e recebe um baldinho com tampa forrada com uma sacola de bioplástico para depositar seu lixo orgânico. A cada semana, quinzena ou mês – dependendo do plano escolhido – a sacola é recolhida por um triciclo de carga e levada para uma grande área verde no próprio bairro, onde é compostada junto com os resíduos. Em troca, o cliente ainda recebe um saco do composto peneirado para adubar suas plantas.

“A pessoa que assina nosso serviço participa da proteção da natureza, fortalece um negócio local, ajuda na substituição do plástico e na inovação de materiais”, argumenta o engenheiro ambiental William. E o biólogo Bernardo complementa: “Ela percebe o quanto está produzindo de resíduos, passa a ter mais consciência do impacto que gera e começa a repensar seus próprios hábitos de consumo. A questão maior que está por trás de tudo isso é a da segurança alimentar”.

Essa consciência sobre o papel deles como agentes de transformação social, lema do Colégio São Vicente, William e Bernardo só tiveram clara com o tempo. Quando concluíram o Ensino Médio, em 2010, os dois seguiram rumos distintos.

William passou para engenharia civil na UFRJ e Bernardo, para Direito na UFF. Mas a despeito de frequentarem cursos e universidades de excelente qualidade, estavam desmotivados e não viam sentido na carreira que escolheram.

Propósito na agroecologia

Foi num projeto de extensão da faculdade que William conheceu e se encantou pela agroecologia. Acabou pedindo transferência para engenharia ambiental na qual se graduou. Bernardo também decidiu seguir o coração e mudar-se para o curso de Biologia, na UniRio, inspirado pelas aulas e o exemplo do antigo professor Frederico Lessa, seu preferido no colégio. Na nova faculdade, aprendeu sobre gestão de resíduos e, em oficinas diversas que frequentou sobre o tema, seu caminho voltou a se cruzar com o de William.

Juntos, os ex-colegas decidiram apostar no negócio que trouxe propósito para ambos. Conseguiram a cessão de um terreno ocioso da Light na Rua Conde de Bonfim, montaram um plano de negócios, investiram na captação de clientes através das redes sociais e puseram mãos à obra. Hoje sentem-se realizados com a opção que fizeram.

“Somos parte de uma rede de negócios agroecológicos. Vivemos do que gostamos e acreditamos, estamos gerando trabalho e renda, fazendo gestão sustentável de resíduos, produção de alimentos e educação ambiental”,

afirmou William, para quem essa trajetória tem muito a ver com o que aprendeu nos anos de São Vicente. “Quando eu descobri o propósito da agroecologia e me engajei nesse trabalho, toda aquela formação que eu recebi no colégio fez o maior sentido para mim, como se aquela semente tivesse desabrochado finalmente. Aqui, e na família também, é claro, eu aprendi valores que realmente importam”.

Bernardo faz coro com o colega e sócio: “Descobrir e atuar numa atividade que tem a ver com os meus valores era fundamental para mim, uma atividade que eu gosto, acredito e que está fazendo o bem para mim e para os outros”. Para os estudantes que estão hoje nos bancos escolares, principalmente os que estão prestes a concluir o Ensino Médio, ele deixa uma mensagem:

“Não tenham pressa de encontrar uma profissão, de ter resultado financeiro logo, de fazer sucesso. Todo mundo aqui está recebendo uma excelente formação e bons exemplos, isso é muito importante. Não se deixem levar pela pressão social, sigam o que faz sentido para vocês. Assim, certamente vocês vão fazer diferença e colher frutos gratificantes. Eu só tenho a agradecer ao São Vicente”, concluiu..

Da esquerda para a direita: William e Bernardo com o cacho de bananas colhido nos primeiros tempos no terreno da Tijuca; pátio com as leiras de compostagem cobertas de palha e as bombonas azuis onde são armazenados os resíduos orgânicos; Bernardo no triciclo da Composta'E; e os dois ex-alunos em visita ao colégio, no reencontro com o inspetor Luciano.

SOBRE A INCLUSÃO E A DIVERSIDADE

Na sociedade atual, as temáticas da diversidade e da inclusão vêm adquirindo cada vez maior visibilidade, suscitando discussões e reflexões. Dizem respeito às pessoas, suas singularidades, vivências, experiências e formas de se colocarem no mundo. Também abrangem o modo como serão inseridas em diversos espaços – sociais, econômicos, políticos e corporativos.

De modo geral, o convívio social é muito importante para o desenvolvimento de cada indivíduo e implica diretamente em conviver com as diferenças. A diversidade está relacionada ao conceito de pluralidade, diz respeito a características, comportamentos e valores que tornam as pessoas únicas, que diferem umas das outras. Também significa multiplicidade, variedade, seus conteúdos étnico-racial, geracional, de pessoas com deficiência, de gênero, de orientação sexual, regional, religioso, cultural e ambiental, muitas vezes despertam um certo estranhamento. Uma inquietação ante a percepção e necessidade de reconhecer o diferente e ser capaz de transformar a hostilidade em hospitalidade, adotando um posicionamento ético que gere iniciativas e orientações a serem praticadas com o intuito de reafirmar uma sociedade democrática. Sob essa ótica, ações e orientações de respeito, aceitação das diferenças e construção de uma sociedade mais justa e igualitária são necessárias.

Você já olhou para os seus colegas de turma? Já parou para pensar como eles se sentem em relação ao grupo? Como são os seus colegas? E você, se sente pertencente ao grupo? Considera necessário algum tipo de intervenção em prol do bem-estar de todos?

O termo inclusão é utilizado de tantas formas diferentes que pode significar diferentes coisas para diferentes pessoas. Por isso é necessário que seja claramente definido. Caso contrário, o conceito se torna sem sentido.

Inclusão é a capacidade de entender e reconhecer que o outro é diferente em um ou vários aspectos, respeitando suas pluralidades e o integrar no ambiente. É o ato de incluir e acrescentar, criar espaços saudáveis para pessoas com aspectos diferentes do seu, aceitando e lidando com as diferenças. Socialmente, a inclusão representa um ato de igualdade entre os diferentes indivíduos que habitam determinada sociedade.

Na prática, incluir é pensar em todos, sem distinção de aspectos como gênero, raça, orientação sexual, religião ou a presença de alguma deficiência. A inclusão está dividida em diversas categorias, como a social, do trabalho, educacional, digital e estrutural. Isso significa que em todos esses aspectos devem ser levados em conta conceitos e ações que possibilitem oportunidades a todas as pessoas.

Existem políticas públicas que visam garantir a inclusão de todos, mas cada um pode fazer a sua parte. Para que a inclusão seja praticada é imprescindível olhar para as pessoas e locais com empatia e cuidado. É importante sugerir ações e fazer parte das mudanças necessárias para que a inclusão aconteça, adaptando o ambiente para que todos sejam respeitados e consigam conviver independente das singularidades.

Cristiane Pacheco,
psicóloga e psicanalista, é mãe da aluna
Beatriz Pacheco, da turma 601.

ZADREGOS NO PALCO

Depois de dois anos de apresentações exclusivamente remotas, o Zadregos, grupo do curso extracurricular de teatro, com alunos do Ensino Médio, voltou a subir ao palco do auditório do colégio, entre os dias 19 e 21 de outubro, para quatro apresentações do musical *Mahagonny, a cidade ouro*. Resultado do trabalho de estímulo de criação de narrativas que a professora Ana Brasil vem desenvolvendo nos últimos anos, com o objetivo de potencializar as vozes dos alunos, a montagem, a partir do texto *Ascensão e queda da cidade de Mahagonny*, de Bertold Brecht, foi toda calcada na autoria dos estudantes, com música, coreografias e todo o processo de adaptação do texto a cargo deles. A peça, que já tinha sido apresentada pelo grupo há 10 anos, ganhou roupagem única, original e muito atual. “Eu que dirigi os dois espetáculos, pude ver duas abordagens totalmente diferentes do mesmo texto”, disse Ana Brasil.



ENCONTRO DE CORAIS INFANTIS

Os coros Mirim e Infantil do Colégio São Vicente de Paulo fizeram bonito no Encontro de Corais Infantis do Colégio Pedro II, realizado no sábado, 5 de novembro, no Campus Humaitá da instituição federal. Regidos pela professora Débora Braga e acompanhados pelo pianista Leo de Freitas, o Coral Mirim (grupos de 1º e 2º anos dos cursos Integral e Estendido) e o Coral Infantil (grupo de 3º e 4º anos dos cursos Integral e Estendido e grupo coral Extraclasse) foram os convidados do evento, em que também se apresentou o coral infantil da casa. O auditório ficou lotado, com presença animada, participativa e emocionada dos parentes dos meninos e meninas dos três corais envolvidos. No final, as cerca de 80 crianças dos três grupos cantaram juntas *O trenzinho do caipira*, composição de Heitor Villa-Lobos para o poema de Ferreira Gullar, marcando o caráter de parceria e acolhimento do encontro.



HOMENAGEM A DANILO FREDERICO

Os dez anos do regente Danilo Frederico junto aos coros adultos do São Vicente foram celebrados nas noites de 11 e 12 de novembro com muita música e emoção. No palco do auditório se apresentaram os corais São Vicente a Cappella, do qual Danilo é preparador vocal, e também São Vozes, Amigos do São Vicente e o convidado Vozes Cariocas, que o têm como regente. Cada um com seu perfil e estilo, os coros alegraram e encantaram o público com o lindo repertório apresentado. Ao final, todos cantaram juntos a música tema do evento, **Tempo Rei**, composta por Gilberto Gil, com arranjo de Paulo Malaguti. Danilo lembrou a importância da amizade e do convívio com Malu Cooper e Patrícia Costa, regentes com quem trabalhou no CSVP. Muito emocionado, ele recebeu flores e um texto lindo dos corais e também uma placa comemorativa do colégio, entregue em mãos pela Coordenadora Comunitária, Laura Régent.



PAISAGENS DE TARSILA

Para celebrar o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, marco do Modernismo no Brasil, os alunos de 2º, 3º e 4º anos assistiram, nas aulas de Artes Visuais, a vídeos sobre o evento e suas consequências na estética dos artistas envolvidos. As obras de Tarsila do Amaral serviram de inspiração para a realização das releituras efetuadas pelos alunos, que divididos em grupos, fizeram os projetos, e depois desenharam e pintaram os muros, seguindo o processo de escolha da obra, realização do desenho e sua transposição para o muro até a pintura final. O resultado do trabalho é de uma beleza ímpar! "Tarsila do Amaral não participou da Semana de 22, mas juntou-se ao grupo logo depois e foi responsável por uma produção numerosa de obras modernistas, tornando-se expoente do movimento", lembrou a professora de Artes do EF, Patrícia Neves. Estão todos de parabéns!



CÁPSULA DO TEMPO

O ano era 2012. A orientadora educacional do Ensino Médio à época, Cristina Marques, a Krika, sugeriu aos alunos do 3º ano guardar numa cápsula – um tubo de PVC – um pequeno objeto especial, uma lembrança, uma mensagem que tivesse um valor afetivo para cada e que representasse um pouco de cada um naquele momento. E assim foi feito. Vedada a cápsula com as lembranças, ela foi enterrada numa jardineira próxima ao pátio, com uma plaquinha indicativa de cada turma, e lá ficou. Por 10 anos. No sábado 26 de novembro, uma década depois de enterrada, a primeira cápsula do tempo dos alunos, formandos de 2012, foi aberta numa singela cerimônia com a presença de professores de então, do Padre Agnaldo, coordenadores, orientadores e, claro, de muitos alunos daquelas turmas. Não precisamos nem falar da emoção que foi esse momento, né? Tempo, tempo, tempo...



PRIMEIRA EUCARISTIA

Também na manhã do dia 5 de novembro, 32 alunas e alunos do colégio receberam sua primeira comunhão na missa celebrada pelo diretor do São Vicente, Padre Agnaldo Aparecido de Paula, com assistência do diácono Túlio Medeiros, no Santuário São Judas Tadeu, no Cosme Velho. As crianças, em sua maioria do 6º e do 7º ano, iniciaram seu processo de catequese em agosto do ano passado, remotamente, e seguiram presencialmente ao longo deste ano, orientadas pelos professores Cristiano Oliveira, Jair Alves Neto e Neuza Bastos, da Pastoral. Os catequistas (à exceção de Neuza que ficou doente e mandou uma mensagem) também participaram da celebração, que lotou a igreja com parentes, amigos e educadores do colégio.



É ESTRANHO PENSAR QUE JÁ FOI PIOR

Livro: Uma breve história da igualdade, de Thomas Piketty. Editora Intrínseca, 2022, 304 págs.

A desigualdade social diminuiu nos últimos 200 anos. Essa frase otimista é a descrição (em uma linha) de Uma breve história da igualdade, livro mais recente do economista francês Thomas Piketty. Apesar do subtítulo otimista, o início do livro é aterrador. Ele descreve os períodos de escravidão, colonialismo e governo aristocrático de que conseguimos escapar para chegar a um mundo menos desigual que há 200 anos.

Sim, há esperança. Ao longo dos séculos houve grandes avanços na redução da desigualdade mas, em todos os casos, os avanços vieram com conflitos duros e, muitas vezes, no rastro de grandes crises.

O novo livro de Piketty é assumidamente um resumo de seus livros anteriores: Capital no Século XXI e Capital e Ideologia. Ele é mais curto e mais incisivo do que eles – e tem uma coletânea mais enxuta de números sobre as mudanças na concentração de renda e de patrimônio em vários países ao longo do tempo.

Nessa edição, Piketty é mais direto nas propostas para diminuir a desigualdade: ele fala sobre impostos mais progressivos sobre renda e patrimônio, sobre acesso mais igualitário à educação de qualidade e sobre adotar impostos realmente significativos sobre heranças.

O lado histórico de Breve história da igualdade é assustador. Piketty lembra como Napoleão reinstalou a escravidão nas colônias francesas (ela tinha sido abolida pela Revolução Francesa), como o governo da França obrigou o Haiti a passar décadas pagando indenizações pela perda de propriedade dos escravos que se revoltaram contra os colonizadores (e como, depois, os EUA compraram o direito de receber os pagamentos do Haiti).

Isso serve de preâmbulo para sua discussão sobre os dias de hoje. Nela, Piketty nos lembra que o crescimento acelerado de tantas economias ao longo do tempo dependeu da “batalha por igualdade e educação” e não da “veneração por propriedade, estabilidade e desigualdade”. Sem o aumento da igualdade e da educação ainda estaríamos numa grande fazenda de café, escravista e majoritariamente analfabeta. Foi com educação e igualdade que veio o progresso humano – e elas são necessárias para que esse progresso continue. Ter mais pessoas participando da vida econômica aumenta a prosperidade dos países.

A receita econômica que fez Europa e EUA crescerem envolveu um aumento no tamanho do Estado (que passou a prestar serviços como os de educação e saúde). Isso fez com que a arrecadação de impostos nessas regiões passasse “de cerca de 10% para mais de 40% da renda nacional entre 1914 e 1980”.

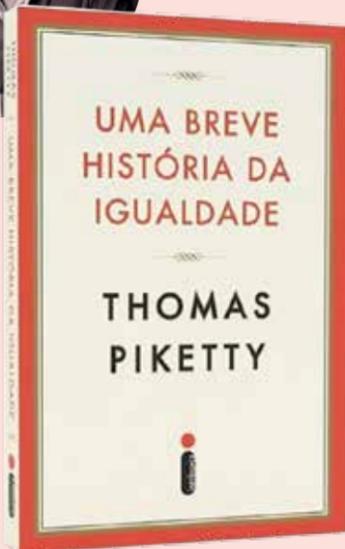
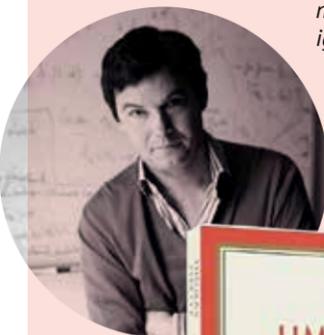
“Podemos nos perguntar por que esses países são contra aumentos similares [na arrecadação] em países pobres. Isso pode ser explicado por amnésia histórica ou dúvidas sobre a capacidade das ex-colônias de governarem a si mesmas e administrarem grandes orçamentos”, diz Piketty. “Mais trivialmente isso pode refletir o fato de que países ricos têm se preocupado em liberalizar o comércio para abrir mercados às suas companhias mas não têm se preocupado em ajudar os países pobres a taxar os lucros de multinacionais ou a regular saídas de capital do sul, especialmente se esses fluxos são investidos em bancos e capitais no norte.” É o colonialismo de novo.

A ressalva de Piketty é que, “por si só, o Estado não é igualitário nem contrário à igualdade: tudo depende de quem o controla e com que propósito”.

Ricardo Montes de Moraes

Economista e pai da Alice Moraes, aluna do 6º ano.

“FOI COM EDUCAÇÃO E IGUALDADE QUE VEIO O PROGRESSO HUMANO – E ELAS SÃO NECESSÁRIAS PARA QUE ESSE PROGRESSO CONTINUE.”



FORMANDOS 2022



3A

ANTONIO GUILHERME DE O. C. DALVI
ANTONIO NICOLAU PEREIRA SALOMON
BEATRIZ LINHALES RANGEL
BEATRIZ MARTINS AMENDOLA
BEATRIZ OLIVEIRA DE ALMEIDA
BERNARDO VENANCIO VAZ DE MELO
BIANCA SEIXAS BARBOSA ROCHA
CAMILLA TAVARES MACHADO
DANIEL ZAJDENVERG HERSZAGE
ELISA VIEIRA ROCHA
GABRIEL GERSHON JAGER
GABRIELA NUNES CASTELO
GABRIELLA SÁ LEITE LOPES LEMOS
HEITOR DANTAS MÜLLER DA PONTE
HENRIQUE G. APRATTO GONÇALVES
JOÃO MIGUEL GENTIL BOTNER
JOÃO PEDRO E. R. M. COSTA NEVES
JOÃO PEDRO GERSHON VIANNA
JOÃO PEDRO MOTA FERREIRA
JOSÉ GUILLÉN ALVES
KALINE FERREIRA PASSOS FEIJÓ
LEONARDO CARVALHO DA SILVA
LETÍCIA ELIAS MENEZES
LETÍCIA LONDRES FERNANDES
LUIZA RENA FERRAZ DE OLIVEIRA LIMA
MANUELA MENEZES RODRIGUES PEREIRA
MANUELLA FUSS MAIA DA SILVA
MÁRIA EDUARDA D. DE FREITAS
MÁRIA EDUARDA RIZZINI
MARIANA ROCHA DA VEIGA GUIMARÃES
MARINA SOARES CRUZ LACÉ BRANDÃO
MIGUEL MACEDO COIMBRA
OLÍVIA MARINHO HERRIOT
VICENTE BIANCHI FERRAN



3B

AISHA ROCHA COENTRO BURGOS
ALICE REPETTO YAZBECK M. NUNES
ANA JULIA PROA PIMENTA GERMANO
CATARINA PALERMO RIBEIRO
CECÍLIA LOPES SÓ MARTINS
CLARA FERNANDES FILGUEIRAS
EDUARDO NASCENTES CAVALCANTE
ELENA LIMA DIAZ
ERIC ABREU PURY MAZUREC
FRANCISCO FELICÍSSIMO AUDI
FRANCISCO GARCIA THIRÉ
GABRIEL FERREIRA ATTA
GABRIEL MOTA COELHO DA SILVA
GUSTAVO DAMASCENO ALGEBAILÉ
ISABELA NOVELLO WHATELY
JOANNA DE ALMEIDA COSTA
JOÃO VASCONCELOS REYES DE SOUZA
LARA LAZOSKI LIBANIO
LETÍCIA CANÇADO GUIMARÃES
LIA TERRY ALVARES
MÁRIA CLARA LOPEZ MACHADO
MÁRIA LYRA DINIZ
MÁRIA TERESA MINNEMANN T. DANTAS
MATHEUS GAETANI CARVALHO LOPES
MIGUEL MIRANDA KHOURY
MIGUEL VARJÃO V. RIBEIRO GONÇALVES
NINA COSTA MONDIN
NINA SÓFIA PEREIRA SALOMON
PALOMA VIDAL GARRETANO DO VALLE
PEDRO DE AZEVEDO GUERRA MARTINS
ROBERTHA MICAELLI DE ARRAZÃO
VINICIUS LAMI FERRARI



3C

ANA CLARA DE QUEIROZ ANDRADE
ANNA CLARA COELHO DE PAOLA
ARNALDO RUIZ LIMA DE ARAUJO
BEATRIZ CRUZ SANTOS LEVY
CAIO ROBUSTI AFFONSO
CAROLINA GRINBERG LIMONCIC
CATARINA DUARTE PEREIRA DA CUNHA
DANIEL LIPMAN PCHVUZINSKE
FELIPE DE A. SALGUEIRINHO RABELLO
FELIPE NEIVA DAFLON
FRANCISCO CABRAL ECHEBARRENA
GABRIEL VIVEIROS DE O. F. SALDANHA
GIOVANNA DOMINGUES DA SILVA MEIRA
ISA VARGAS MENEZES
ISABELLA MONDAINI DE OLIVEIRA
ISABELLE LOUISE SOARES TEIXEIRA
IURI MOSCONE RIBEIRO
JOÃO PEDRO C. A. SABOYA DA COSTA
JULIA CARVALHO BRASIL
LEONARDO BRASIL RIBEIRO DE AZEVEDO
LEONARDO POPPE TABORDA
LOURENÇO BRUM TEIXEIRA SOARES
LUCAS D'ALMEIDA GAVIÃO
LUIZ EDUARDO E. R. M. COSTA NEVES
LUIZA DE ABREU COTRIM
MANUELA MARON DE SÃO JOSÉ
MATHIAS GABRIEL N. MOREIRA JAUREGUI
MIRANDA PALMEIRA B. DE ALCANTARA
PEDRO NEVES FIGUEIREDO
PEDRO PITALUGA ROCHA DE FARIA
SEBASTIÃO B. REZENDE DA CRUZ
SOFIA PITANGUY ROMANI DE ALMEIDA
THEO LATERCE BOAVENTURA
YURI ABREU PURY MAZUREC
ISABEL VIOLANTE MENDEZ DE MATTOS
OLÍVIA YUMI CALDI MAGALHÃES

